

Para entender a “História da língua portuguesa” de SSN

Prof.^a Dr.^a Marli Quadros Leite

Serafim da Silva Neto



- Rio de Janeiro – 06 de junho de 1917
- † 23 de setembro de 1967
- Temas: i) Latim vulgar; ii) filologia românica; iii) filologia portuguesa.

Bibliografia - livros

1. *A Língua Portuguesa no Brasil (Problemas)*. Rio de Janeiro, 1960.
2. *A Formação do Latim Corrente*. Petrópolis, 1941.
3. *A Santa Vida e Religiosa Conversão de Frei Pedro (edição...)*. Rio de Janeiro, 1947.
4. *Bíblia Medieval Portuguesa I – História d'abreviado Testamento Velho, segundo o Meestre das Historias Scolasticas (edição)*. Rio de Janeiro, 1958.
5. *Capítulos de História da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, 1946.
6. *Conceito e Método da Filologia*. Rio de Janeiro, 1952.
7. *Crítica Serena (polêmica)*. Rio de Janeiro, 1943.
8. *Diálogos de São Gregório (edição crítica)*. Coimbra, 1950.
9. *Diferenciação e Unificação do Português no Brasil*. Rio de Janeiro, 1946.
10. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. São Paulo, 1956.
11. *Fontes do Latim Vulgar. O Appendix Probi*. Rio de Janeiro, 1938.
12. *Fontes do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, 1956.

13. *Guia para estudos dialectológicos*. Florianópolis, 1955.
14. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1957.
15. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, 1957.
16. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. São Paulo, 1956.
17. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, 1950.
18. *Língua, Cultura e Civilização*. Rio de Janeiro, 1960.
19. *Manual de Filologia Portuguesa. História. Problemas. Métodos*. Rio de Janeiro, 1952.
20. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1957.
21. *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*. São Paulo, 1942.
22. *Pontos de Literatura* (didático). São Paulo, 1945.
23. *Que é Latim vulgar?* Petrópolis, 1941.
24. *Rumos Filológicos*. Rio de Janeiro, 1942.
25. *Rusgas Filológicas* (polêmica). Rio de Janeiro, 1942.
26. *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas*. Rio de Janeiro, 1956.




**O AUTOR E O AMBIENTE
CIENTÍFICO DE SUA ÉPOCA**

Atuação científica no Brasil



“dedicou-se à leitura e interpretação de textos arcaicos; à análise dos fatos histórico-sociais que condicionam os fenômenos linguísticos; às pesquisas etimológicas; às indagações de campo; ao estudo das palavras e das coisas. Era igualmente perito na Filologia Portuguêsa e na Românica e conhecia como pouquíssimos o português do Brasil” (p. 233). Conforme Bem Veiga, repartiremos as principais peças da obra de Silva Neto por três grupos temáticos. São obras que se ocupam do latim vulgar o citado comentário ao *Appendix Probi* (*Fontes...*, 3.^a ed.: 1956) e a *História do latim vulgar* (1957), para não pôr no mesmo grupo a *História da língua portuguesa*, que afinal também trata o assunto em centenas das suas páginas. Mas a *História da língua portuguesa* (1952-1957; 2.^a ed., 1970) - "a sua obra mestra", "esforço enorme para ordenar materiais dispersos por numerosas publicações, algumas raríssimas, com pesquisas e interpretações pessoais do autor.” Silvio Elia, in: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/sneto.html>

O ambiente científico da época em que viveu

-  O comparativismo de reconstrução do indo-europeu
-  O movimento dos neogramáticos
-  A linguística histórico-comparativa

Sobre o estudo das línguas românicas

A LINGUÍSTICA HISTÓRICO- COMPARATIVA

Friedrich Diez (alemão, 1794-1896)

- 📖 Fundador da linguística românica pelo método comparativo (1836)
- 📖 Defendeu que a proto-língua das línguas româncias foi o latim vulgar.
- 📖 Métodos para a reconstrução do latim vulgar:
 - ❑ pelo exame de fontes disponíveis (exemplos concretos)
 - ❑ pela reconstrução linguística, pelo método da gramática comparativa do indo-europeu, partindo das línguas românicas existentes (vivas)


Os neogramáticos


- 📖 Karl Brugmann (alemão, 1849-1919)
- 📖 Hermann Osthoff (alemão, 1847-1909)
- 📖 Berthold Delbrück (alemão, 1842-1922)
- 📖 Jakob Wackernagel (suiço, 1853-1938)
- 📖 Hermann Paul (alemão, 1846-1921)
- 📖 August Leskien (alemão, 1840-1916)

Fundamentos





 Junggramatiskere Richtung (O movimento dos jovens gramáticos)

 Desavença entre Georg Curtius e Karl Brugmann

 Contra o fundamento filosófico (Hegel) e o método da linguística comparativa

 Elaboração de “leis fonéticas” (Wilhelm Scherer, 1870), como as leis naturais.


Postulados


-  As leis fonéticas trabalham com uma necessidade cega
-  As mudanças fonéticas que contradizem as leis fonéticas são explicadas pela analogia (Karl Brugmann)
-  O estudo científico da língua é histórico: a mudança é linguístico-histórica (Hermann Paul)
-  As mudanças têm apoio na psicologia do indivíduo (Hermann Paul)

Karl Brugmann

- 📖 Editor da revista “estudos sobre a gramática grega e Latina, junto com Georg Curtius
- 📖 Escreve o artigo “A soante nasal na primitiva língua indo-germânica” (1876)
- 📖 Funda o grupo dos “jovens gramáticos”, no prefácio da revista “Investigações morfológicas”
- 📖 Argumento: a mudança fonética é explicada por analogia.
- 📖 Escreve os “Fundamentos da gramática comparativa das línguas indo-germânicas” em coautoria com Berthold Delbrück (3v. Fonética, Morfologia, Sintaxe).

Hermann Paul

 Livro “Princípios de história linguística”
(1880)

 “O único estudo científico da língua é o estudo histórico”.

 Causas da mudança sistemática: 1. linguístico-histórica; 2. psicológica.

Ponto de vista teórico (resumo)





 Teoria da mudança fonética e da analogia (Brugmann).

 Suporte da psicologia individual para explicar a mudança (Paul)



Pontos de vista

- 📖 Contra a interpretação psicológica;
- 📖 Contra a explicação da mudança por analogia;
- 📖 Postulado: a história como fundamento para o estudo científico da linguagem, e a linguística é o estudo científico da mudança linguística.






Hugo Ernest Mario Schuchardt

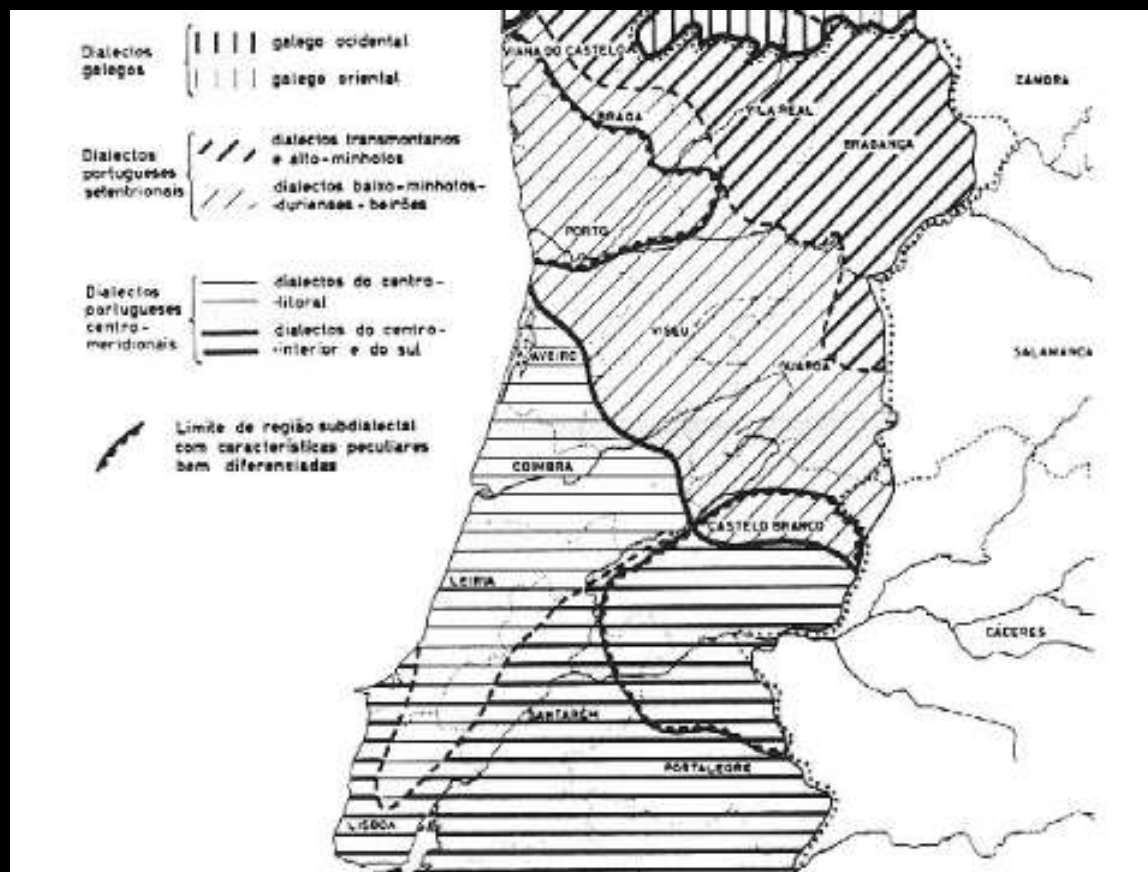
-  “Sobre as leis fonéticas (contra os neogramáticos)” (1885)
-  Concepção de “mistura” em linguagem (interna a uma língua e entre línguas diferentes)
-  Objeto de estudo: línguas românicas e suas origens a partir do latim vulgar e das línguas ibéricas anteriores às conquistas romanas.
-  Investigação de línguas crioulas do inglês, francês e português, de falantes da Ásia, África e América.

Graziadio Ascoli

-  Aceita algumas teses dos neogramáticos, mas rejeita o fundamento fisiológico e psicológico usado na explicação da mudança fonética
-  Defende que as causas da mudança seja de substrato (“teoria do substrato”)

Wilhelm Meyer-Lübke (suíço, 1861-1936)

-  Gramática das línguas românicas (1890-1900)
-  Método comparativo de reconstrução do indoeuropeu
-  Introdução ao estudo da linguística românica (1900)
-  Metodologia: investigação biológica; investigação paleontológica
-  Objeto de estudo: dialetos populares (língua falada)



História da língua portuguesa

Pontos relevantes


“A história de toda língua é uma sucessão de acidentes, mas de acidentes coletivos. Com efeito, a maior parte é preparada pela estrutura mesma da língua e dos conteúdos virtualmente nela.”



“Cada estado de língua sai assim naturalmente do estado de língua anterior. Isso não impede cada indivíduo de ter na evolução da língua uma certa responsabilidade, mas o acidente individual se autoelimina e desaparece sem deixar rastros daquele que o cometeu. Para que um acidente sobreviva a seu autor ele deve ser consentido, sancionado pela comunidade. Isso permite compreender o papel do indivíduo isolado.”

Vendryes, Les sciences sociales em France.

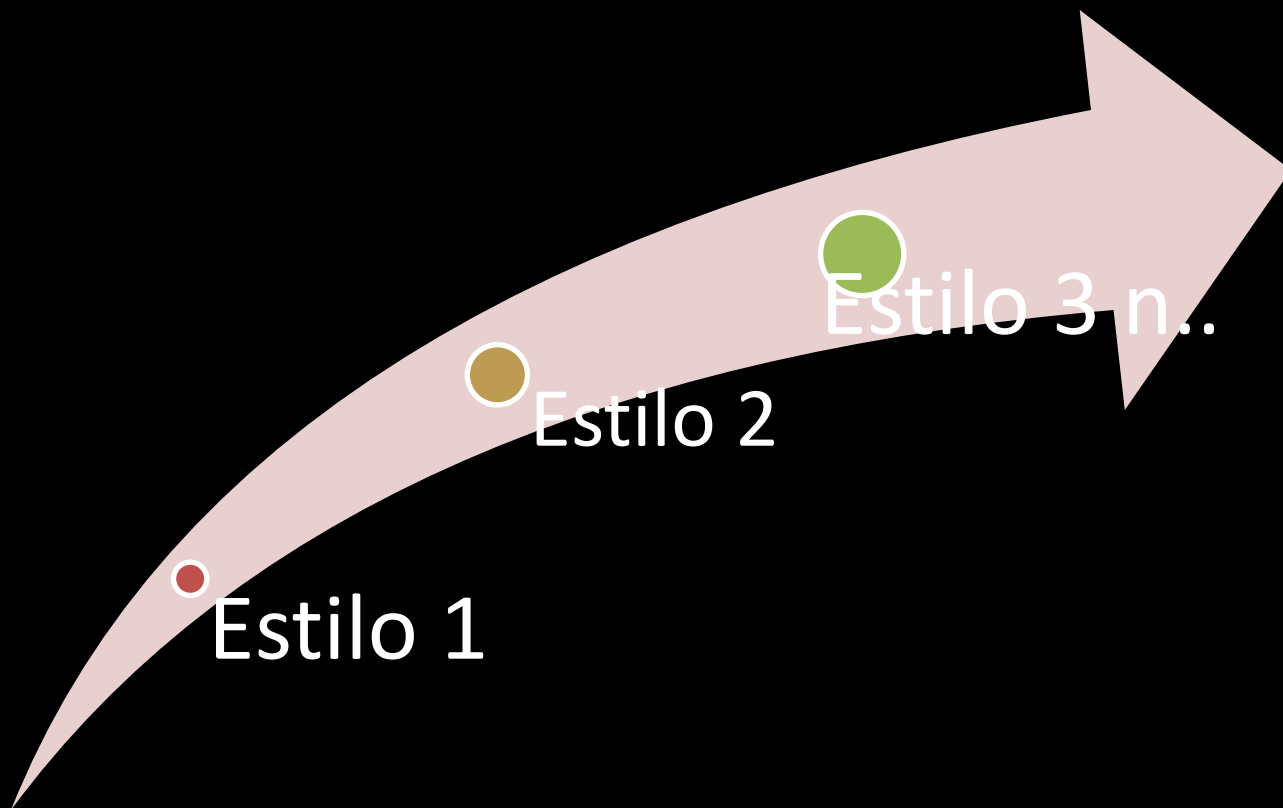
Paris, s/d (1937), p. 115.

1. Evolução e desagregação

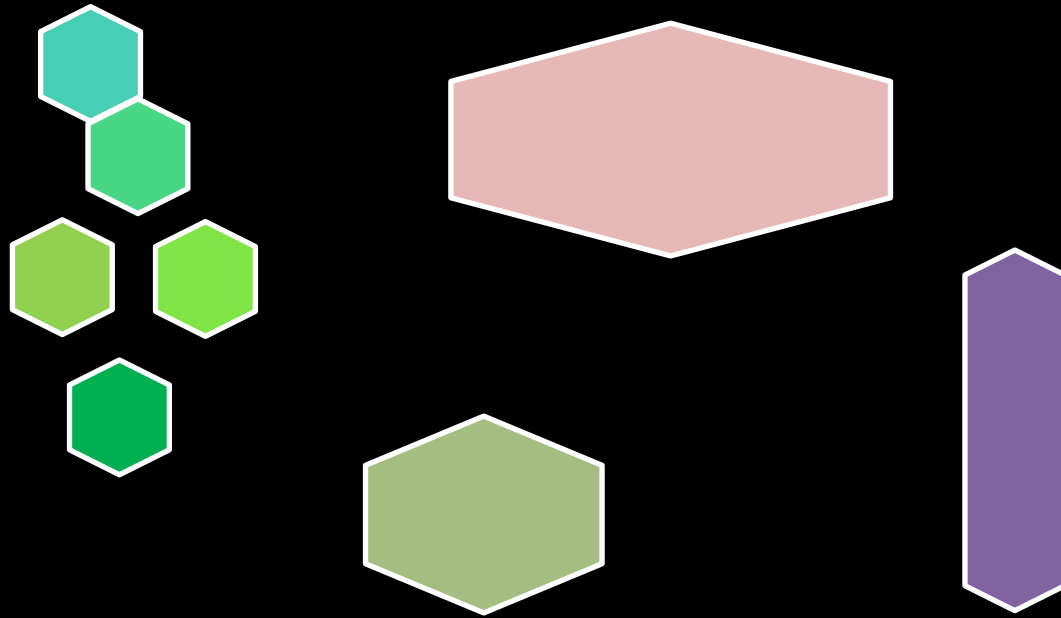
 Evolução: variação, conjunto de estilos sociais.

 Desagregação: corte, transição de um estilo para outro, descontinuidade
 mudança.

Sequência evolutiva de estilos = época



Desagregação = mudança de uma época para outra




“A extensão do indo-europeu para uma parte da Ásia e a quase toda a Europa fornece a base da gramática comparada das línguas indo europeias: uma primeira diferenciação criou os falares que a a seu redor unificaram-se em grupos novos: indo iraniano, eslavo, germânico, helênico, itálico, céltico, etc.; cada uma das línguas comuns que foram constituídas nós não sabemos como foi imposta a um domínio extenso, depois elas se diferenciaram. Entre o indo-europeu e o francês moderno entrevê-se assim toda uma série de unificações e de diferenciações sucessivas: uma unidade ítalo-céltica que se quebra e chega à criação de uma unidade itálica e de uma unidade céltica. Uma unidade latina que provém de uma diferenciação da unidade itálica; uma unidade latina, quebrada ou dividida em falares infinitamente diversos; de lá saiu, entre outras línguas, o francês do qual a unificação prossegue ainda.” A. Meillet, *Linguistique historique et linguistique générale*, 1, p. 128

**As línguas estão, pois, em perpétua mudança,
embora só o repouso seja facilmente perceptível.**

Serafim da Silva Neto, p. 15

2. Criação e difusão

 Criação = inovação individual

 Difusão = generalização da
inovação depois da aceitação social da
inovação.

“Essa generalização de um fato particular, quais sejam seus limites, exige tempo, e esse tempo pode-se algumas vezes medir. Assim a transformação de *p* em *d*, que o intercâmbio de pessoas estendeu sobre toda Alemanha Continental, propagou-se primeiro no Sul, entre 800 e 850, salvo nas línguas antigas dos francos, em que *p* persiste sob a forma suave *t* e não passa a *d* senão mais tarde. A mudança de *t* em *z* (pronúncia *ts*) produz-se nos limites mais restritos e começou a uma época anterior aos primeiros documentos escritos; ela deve ter sido originada nos Alpes aproximadamente no ano 600 e se estendeu ao mesmo tempo ao norte e ao sul, na Lombardia. O *t* se lê ainda em uma carta dos habitantes de Turing uma região da Alemanha no século VIII. Em uma época mais recente, o *i* e o *u* germânico tornaram-se ditongos (...); a partir da Boêmia aproximadamente 1400, o fenômeno colocou-se trezentos anos para chegar ao Reno e cobrir toda a área atual.”

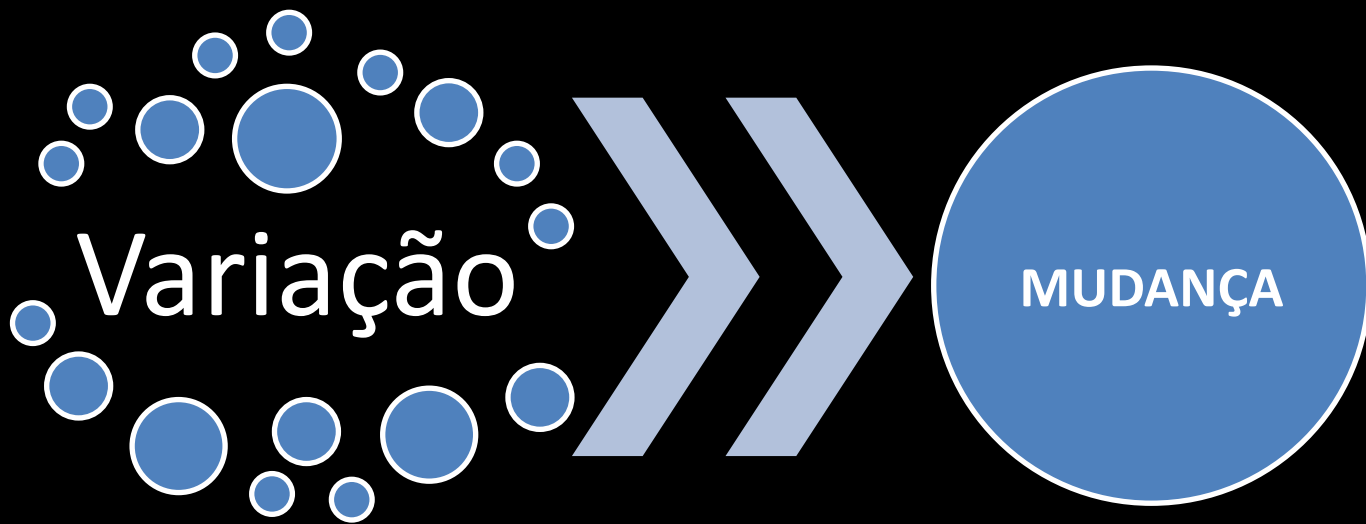
Ferdinand de Saussure. Cours de linguistique générale, 1916, p. 289-90.



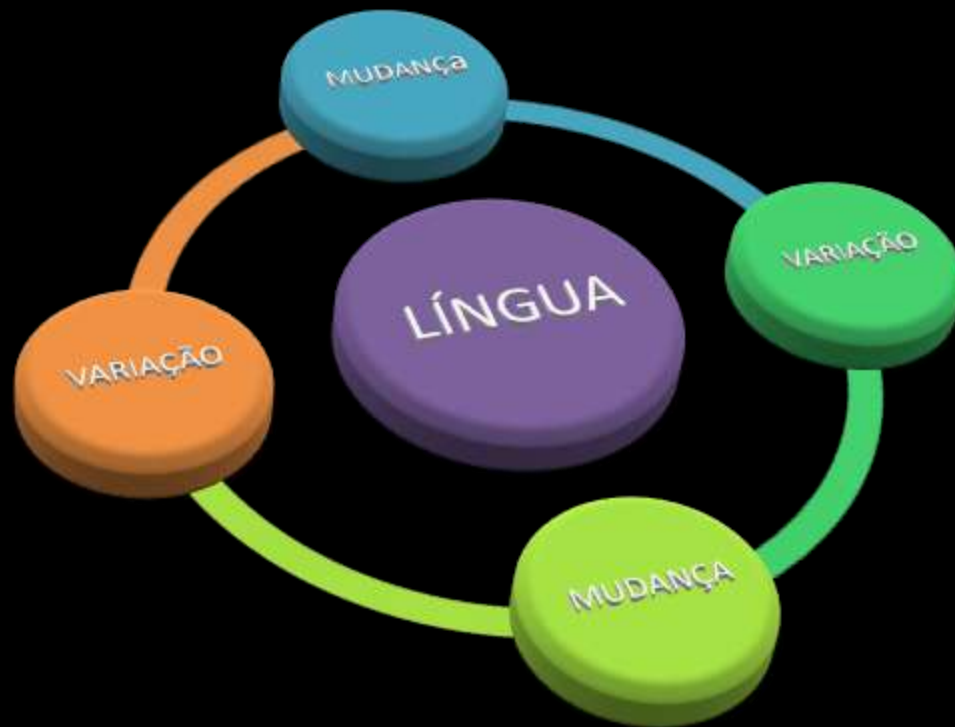
Criação

Adoção

MUDANÇA




EVOLUÇÃO



As novas do Aurélio

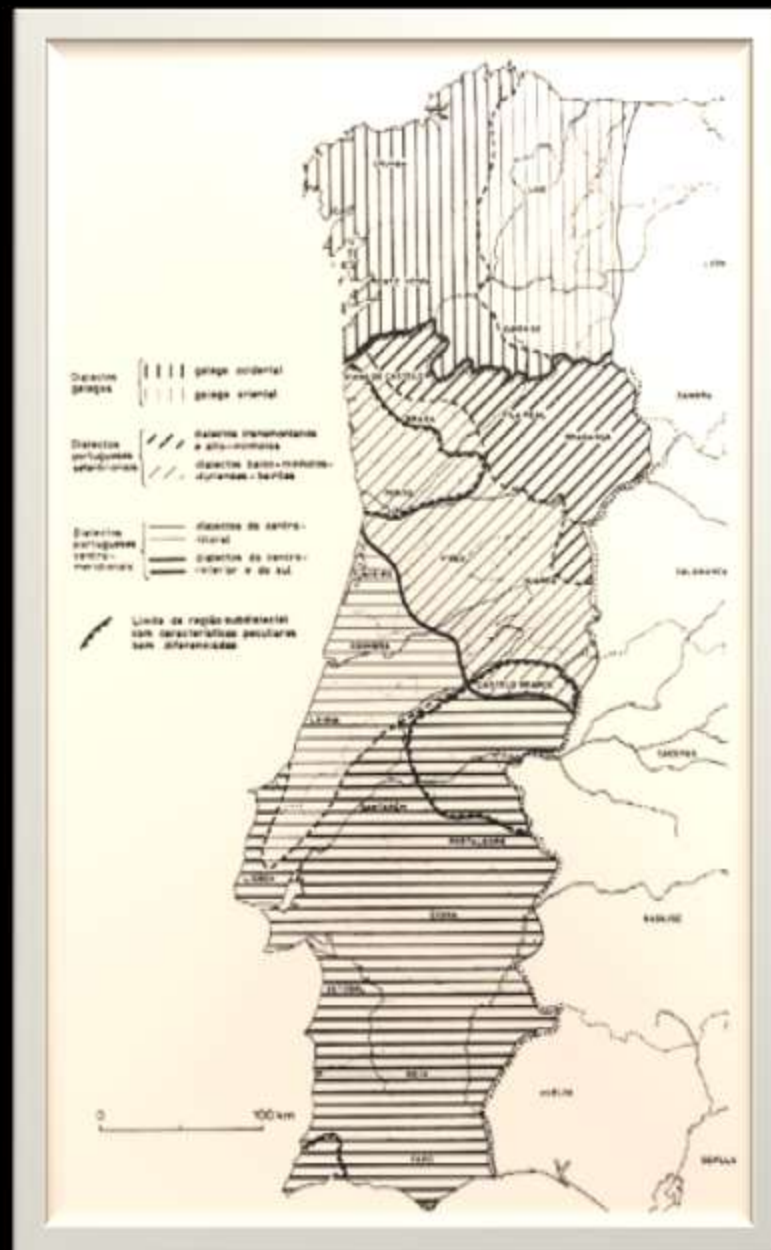
[.. \AURÉLIO - REVISTA LÍNGUA.PDF](#)

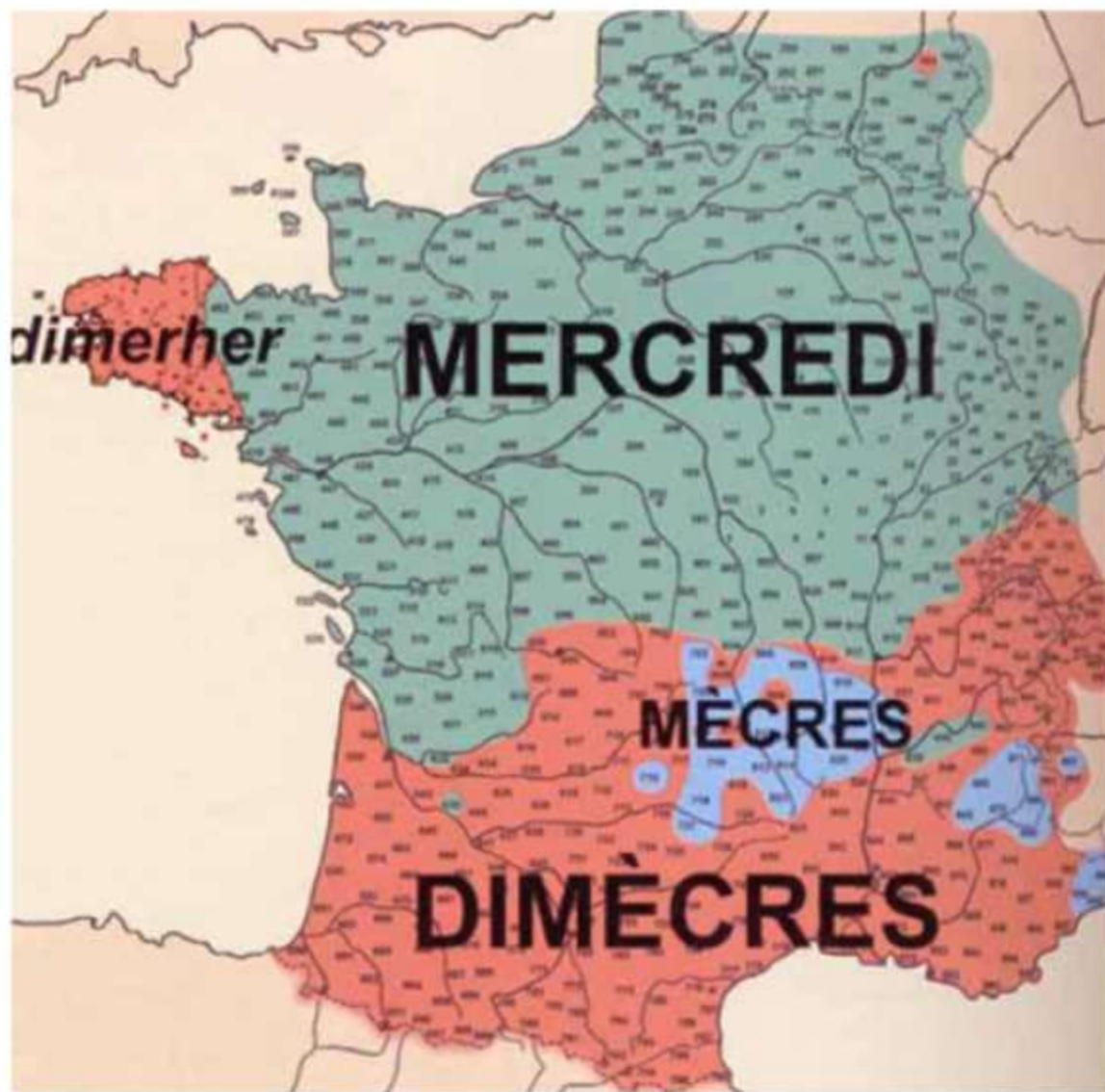
3. Limites linguísticos

-  Demarcação de áreas linguísticas
⇒ isoglossas

Isoglossa

linha que, num mapa lingüístico, indica as áreas em que se concentram determinados traços linguísticos; pode ser *fônica*, *morfológica*, *léxica* ou *sintática*, de acordo com a natureza do elemento linguístico focalizado; linha isoglóssica.





As transformações filológicas desta época antiga apresentam um caráter particular; elas coincidem, na maior parte, exatamente com os limites das paróquias, que eram suficientes, quase sozinhas, a determinar os diversos grupos formados no seio da população.

Pe. Rousselot, *Les modifications phonétiques de langage étudiées dans les patois d'une famille de Celifrouin*, Paris, 1891, p. 348.



p.21

“O que decide as concordâncias linguísticas - como também, em parte, ao menos, as divisões políticas -, são os fatos de civilização: o ângulo notável que faz o grande conjunto dos limites entre o galo-romano do Norte e aquele do Midi entre Bordeaux e Lyon desenha para o Norte uma grande curva, que concorda com aquela que desenha os trilhos do trem de ferro (pelo Périguet, Limoges, Guéret, Mont-luçon, Gannat, Roanne) entre essas duas cidades, para evitar os pontos mais altos do Planalto central. São os fatos de civilização que explicarão por que todo o planalto central pertence ao tipo do Midi.”



Referência bibliográfica

SILVA NETO, Serafim. História da língua portuguesa. Rio de Janeiro : Presença /INL, 1986.